

## CARREIRA LONGEVA

# A seca, o Exército e a família no trabalho

Com o olhar sempre atento e postura firme, José Rodrigues de Moraes, 69 anos, mostra o que a vida lhe ensinou. Ainda no Ceará, ele vivia da roça, plantando mandioca e algodão. Gostava daquela vida, até que uma seca severa, em 1968, alterou seus planos. Um amigo que havia se mudado para Brasília o convidou para tentar a vida na capital. Sem documentos e sem grandes certezas sobre o futuro, ele aceitou. Foi assim que chegou a Brasília e, pouco depois, sem a dispensa militar, foi incorporado às fileiras do Exército Brasileiro, onde permaneceu por três anos. Ali, descobriu que disciplina, responsabilidade e dedicação poderiam abrir novos caminhos. “Um subtenente gostou muito da minha postura e do meu desempenho, fiquei trabalhando com ele por três anos. Até que, um dia, quis experimentar outra vida e pedir para sair.”

Depois do Exército, vieram outros trabalhos. Atuou na segurança de ministros, mas percebeu que aquela rotina de mudanças constantes não combinava com ele. “Um grande amigo me perguntou se eu queria trabalhar em um restaurante aos finais de semana. Aceitei a proposta e estou aqui até hoje”, disse.

O que começou como uma experiência acabou se transformando em uma história de décadas. Moraes queria ser cumim, que é o ajudante do garçom, e conseguiu a vaga. Pouco tempo depois, aprendeu a servir mesas, preparar o salão e aprendeu cada detalhe da rotina do restaurante. Recebeu uma oportunidade para permanecer e decidiu ficar.

Ao longo dos anos, muita coisa mudou. O restaurante, a cidade, os clientes e, principalmente, as relações de trabalho. Mas, para Moraes, essa relação não é apenas profissional. “Nós que somos mais antigos conhecemos o temperamento uns dos outros. Sabemos quando alguém não está bem, quando precisa de espaço

Ed Alves/CB/D.A Press



**O cearense José Rodrigues Moraes construiu uma clientela fiel, formada por gente que frequenta o restaurante há muitos anos e por jovens**

e quando uma brincadeira pode aliviar um dia difícil. Somos uma família.” José aprendeu, sobretudo, a respeitar espaços e silêncios. A convivência é construída no dia a dia, no reconhecimento de um rosto, na lembrança de um pedido e até mesmo na percepção silenciosa de como cada cliente gosta de ser tratado. “Não tem isso em lugar nenhum em Brasília. Só aqui, e isso é muito especial pra gente”, disse. Moraes construiu uma clientela fiel, formada por pessoas que frequentam o restaurante há muitos anos e também

por novas gerações que chegam por indicação. Para todos, existe uma mesma receita: paciência.

Hoje, Moraes olha para trás sem esconder que gostaria de voltar aos 50. “Não necessariamente para mudar tudo, mas para viver aquela época com a maturidade que só o tempo é capaz de oferecer.”

Entre lembranças, existe, também, uma história familiar que carrega uma ponta de arrependimento. O filho se casou, mas ele não pôde estar presente porque estava trabalhando. Hoje, os dois mantêm contato e são amigos, embora a

relação tenha mudado com o passar dos anos. “Temos que ser felizes com o que temos. Temos que ser gratos pelo que temos.” José aprendeu o sentido da vida.

## Quando gerações se encontram

Ao lado dos trabalhadores mais antigos estão jovens que ainda estão começando a construir suas próprias histórias. A convivência entre as gerações provoca reflexões sobre diferentes formas de enxergar o trabalho e a vida. Para os mais

antigos, permanecer significava resistir, criar raízes e garantir o sustento da família. Para os mais jovens, o trabalho também precisa dividir espaço com qualidade de vida, novos sonhos e outras possibilidades.

Os mais velhos carregam consigo a lembrança de quando trabalhar significava, muitas vezes, abrir mão de momentos importantes. Os mais jovens chegam com outra perspectiva, buscando equilibrar profissão, vida pessoal e futuro. Mas, entre uma geração e outra, existe algo que permanece: a vontade de construir uma vida melhor.(MM)